

FÁBULA DE VÓ ITA



FICHA TÉCNICA

direção: Thallita Oshiro Meireles e Joyce Prado

produtores: Carlos G. Gananian, Joyce Prado, Thallita Oshiro Meireles e Filipe Lago

fotografia: Tatiana Viana

edição: Babi Fernandes

animação: Babi Fernandes, Caio Rodrigues 'Cocada' e Marcos Rogério de Sousa 'Sassa', Paulo de Tarso

elenco: Ana Júlia dos Santos, Tekka Flor Salvino, Kauan Alvarenga, Gabriela Gaabe e Paulo César Lima da Silva.

classificação indicativa: classificação livre

duração: 5'25"

país: Brasil

ano: 2016

trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=uXiAJ20kEEM>

Sinopse: Gisa tem um cabelo diferente, cheio de vida e personalidade, os seus colegas da escola vivem debochando dela por conta disso. Triste e sem estima ela irá buscar a ajuda da Bruxa Leleira, mas fugindo da sua identidade a menina pode perder a chance de ser feliz. Esse é o conto de fadas que Dona Ita conta para sua neta, Gisele, através das pinturas que faz enquanto narra a história. Mergulhando na fantasia a menina irá compreender a beleza das diferenças e começar a construir a sua personalidade.

1. INTRODUÇÃO

Identidade, nação e cultura

Um dos principais exemplos da desigualdade racial no país é a intensa concentração dos índices de violência contra a população negra. Enquanto o número de vítimas de assassinatos entre a população branca é menor, e em muitos casos até diminuíram, os jovens negros aparecem como as principais vítimas de assassinatos no Brasil, e as taxas de morte se mostram em crescimento no decorrer dos anos.

Citando apenas o exemplo mais recente, em 2018, os negros (soma de pretos e pardos, segundo classificação do IBGE) constituem 75,7% das vítimas de homicídios. Comparando com a população não negra (soma de brancos, amarelos e indígenas) a taxa foi de 13,9%. Igualmente, mulheres negras representaram 68% do total das mulheres vítimas de homicídio no país, quase duas vezes mais do que o índice de assassinatos das mulheres não negras.¹

A questão da identidade no mundo ocidental é, atualmente, um dos temas mais complexos de se discutir. Desde o fenômeno do Iluminismo, podemos compreender a identidade como uma construção baseada, tanto pela ideia do indivíduo centrado, racional, dotado de interesses, como na noção de identidade nacional, de pertencimento nacional, ou seja, pertencimento a um Estado-nação. Antes do começo da modernidade, nas sociedades mais antigas, as identidades e fidelidades diziam respeito às tribos, religiões e regiões que lentamente foram se configurando em fidelidades mais extensas, passando a ser chamadas de culturas nacionais. As fronteiras políticas que separam os países foram também se definindo como fronteiras étnico-culturais, originando o que, a partir do século XIX, ficou conhecido como Estado-nação.

1. IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Atlas da Violência 2020, Cap. 5 – Violência contra pessoas negras, p. 47. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10355/1/AtlasdaViolencia2020_Cap5.pdf, acesso em 24/09/2021.

A reflexão sobre a concepção de indivíduo se tornou algo bastante complexo. Hoje buscamos entender esse indivíduo não como uma célula tão-somente autônoma e particular, mas, ao invés disso, como um sujeito em constante intercâmbio com outros sujeitos e constantemente provocado pelos estímulos do mundo, sejam essas provocações culturais, materiais, morais ou subjetivas. As bases dessa identidade construída na modernidade encontravam-se, por um lado, nas dimensões de sua individualidade e no seu pertencimento a uma vida coletiva social, cultural, e também nacional; e por outro, garantindo-lhe integridade e unicidade.

Assim sendo, podemos dizer que hoje em dia o que chamamos de Identidade “nacional” é composta por um cardápio variado de possibilidades de construções identitárias. Atualmente, o sujeito pode ter múltiplas filiações e identidades, que podem fundar-se tanto em critérios mais essenciais (como gênero, raça, etnia e território), quanto em critérios mais circunstanciais (como os de classe social, profissionais, políticos, religiosos etc.). E ainda temos a questão de que, dependendo da ocasião, uma ou outra identidade pode ser mais ou menos evidenciada ou empregada.

Assim, podemos dizer que não existe uma definição fixa de identidade. Os processos identitários só existem dentro de um contexto, estão em permanente construção, e sempre se estabelecem a partir de alguma coisa específica que está em jogo, como por exemplo, o acesso a uma vaga de emprego, à um curso universitário, ou o direito à terra.

Tudo isso torna a ideia de identidade cultural em uma discussão muito complexa.

2. O MÉTODO

2.1. Conhecendo o filme e seu tema

Professora(or), de início, conheça, estude e pesquise o filme e seu tema. **“FÁBULA DE VÓ ITA”** toca em pontos como, estética, diferença, diversidade, identidade, etnicidade, personalidade, bullying, cor, forma e modelo. É por onde você pode começar. Depois, vá mais a fundo, faça uma pesquisa sobre o conteúdo do filme: conheça a história, veja o filme mais de uma vez, faça anotações, perceba a estética das imagens, a trilha sonora, os diálogos, as regionalidades e conceitos mais gerais presentes na obra. Tudo isto vai ajudar a captar a atmosfera e o ambiente do filme, trabalhar melhor todas as possibilidades que o visual, a trilha sonora, o texto, o contexto e outros elementos que julgar importantes, tem em potência para as ações educativas. Vale também dizer que, elaborar uma razoável quantidade de problemáticas e hipóteses, colabora para a efetivação de um trabalho com resultado satisfatório.

O importante é ir “pegando o aluno pela mão”, introduzindo-o nos temas que são abordados, tanto os de forma direta – estética, bullying, diferença, diversidade, identidade e etnicidade –, quanto os indiretos – o conceito e técnicas de animação, personalidade, cor, forma e modelo, heranças culturais, e qualquer outra reflexão importante para as futuras gerações acerca dos problemas que envolvem as questões levantadas pelo filme. Promova debates, questione e informe, ou seja, ajude os alunos a “ver” o filme. Sua participação vai ser fundamental para que todas as possibilidades de temas e debates presentes na obra possam ser percebidas e trabalhadas por seus discentes.

Para conhecer melhor o filme faça dois tipos de crítica. A primeira é a que chamamos de **“crítica externa da obra”**, que basicamente consiste em “destrinchar” todo o contexto de produção do filme, por exemplo:

- Resgatar a cronologia da obra (período de produção e de lançamento);
- Verificar se a obra foi baseada diretamente na literatura, teatro ou outra expressão artística;

- Levantar os custos da produção e fontes financiadoras;
- Pesquisar a biografia dos produtores, diretores e roteiristas (classe social a que pertencem e pertenceram, tipos de filme que já realizaram, outras produções em que trabalharam);
- Perceber os elementos estéticos: estilo artístico da obra; caráter subjetivo dos modelos estéticos; linguagem cinematográfica (movimentos de câmera, planos, enquadramentos, iluminação, sonoplastia);
- Levantar o estilo de produção. Se é animação, se é com atores reais (o caso aqui é um tipo misto, pois apresenta tanto personagens com atores reais, como usa muito bem a animação), se é ficção, documentário, qual aspecto enfatiza (drama, humor etc);
- Analise o material de propaganda do filme ou sua veiculação pela mídia: muitos estereótipos são propagados diretamente pelos cartazes, ou então, pela seleção de algumas cenas específicas do filme para o trailer. A escolha de certos personagens ou situações do filme nos cartazes também podem revelar ideologias específicas dos produtores ou dos patrocinadores.

A segunda forma de crítica é a chamada “**crítica interna**”, que consiste em buscar na narrativa fílmica os elementos que a compõem, por exemplo:

- Perceba o conteúdo objetivo, no sentido mais geral ou o que é percebido de forma mais direta: diálogos, vestuário, gestos, enredo e cenários. A leitura do roteiro original pode ser uma excelente fonte de informação. Vale também observar as críticas cinematográficas, geralmente realizadas na época de lançamento dos títulos, em jornais, revistas e portais de internet especializados em cinema.
- Perceba o conteúdo implícito, o que está presente nas entrelinhas. Tudo aquilo que os produtores de certa forma queriam que chegasse ao espectador, mas não o fizeram por algum motivo particular, direta e claramente. No filme aqui em questão, por exemplo, o fato de o cenário da casa de Vó Ita ter vários objetos e formas geométricas de cores diferentes (volte lá no filme e veja que a casa é toda colorida), além do próprio turbante de Vó Ita, remetem claramente à cultura africana, e buscam naturalizar a ideia de beleza neste viés estético para o espectador.

2.2. Compare e analise os conteúdos

Todo filme é uma representação interpretativa de determinado conhecimento ou opinião e, assim sendo, o discurso sobre o mesmo está imbuído de subjetividade. Portanto, comparar com outros pontos de vista é fundamental. Faça um paralelo dos conteúdos do filme com o conhecimento acadêmico e sociológico da sociedade em que ele foi produzido, com o tema que ele retrata e com outras produções que abordam a mesma temática. Procure encontrar as semelhanças e aspectos do filme com os conteúdos curriculares. Descubra se o filme foi totalmente adaptado pelo autor. Analise os critérios que foram utilizados para a versão da história contada, e se ocorreram anacronismos² na produção.

Enfim, assista o filme com prazer, mas também com técnica, enredado na trama, mas percebendo os detalhes e comparando com o que leu na bibliografia sobre o tema. É recomendável que, se possível, assista-o mais de uma vez. Mas, independentemente se verá o filme apenas uma ou mais vezes, a técnica é essa mesma. Appreciar e analisar. Saborear e julgar.

Ah, visite a página do filme no Facebook! Lá você pode encontrar opiniões, análises e dicas sobre o filme que podem lhe ajudar a trabalhar com sua(s) turma(s): <https://www.facebook.com/fabuladevoita/>

2. Anacronismo: erro de cronologia que consiste em atribuir a uma época ou a um personagem ideias e sentimentos que são de outra época, ou em representar, nas obras de arte, costumes e objetos de uma época a que não pertencem.

3. SUGESTÕES DE ATIVIDADES

3.1. Assistindo e conversando sobre o filme

É preciso que o aluno aprenda a ler filmes. Para isso, antes de assisti-lo, eles devem ser instigados a formular questões relativas a ele, a partir da problemática dentro da qual você professora(or) o está inserindo. Eles devem estar bem familiarizados com o tema que está sendo abordado. Uma boa forma de estimulá-los a formular perguntas é mostrar a sinopse do filme.

Apresente informações a respeito do filme, como quem é o diretor, a cidade e país de produção, a data de produção, o nome da produtora, os nomes dos artistas envolvidos na obra. Além de mapear os aspectos externos ao filme.

Estimule os alunos também a levantar hipóteses, como por exemplo: de que maneira o tema em questão será apresentado no filme? Qual será a visão do diretor?

Peça aos alunos para anotar tudo - lista de hipóteses, lista de questões, e as informações passadas por você professora(or). Estimule-os a formular perguntas. Creio que ensinamos muito pouco nossos alunos a perguntarem - na maioria das vezes eles só respondem. Caso eles não formulem questões que você considere fundamentais, faça uma mediação que os induza a tal.

No decorrer do filme, faça paradas e pergunte as impressões, o que eles acham que vai acontecer. O intuito é que se desenvolva o raciocínio indutivo, a capacidade de autorregulação. Além disso, convide o estudante a ir confrontando suas hipóteses.

Ao término, promova um debate com as respostas das questões que eles formularam e, por último, solicite que eles respondam, individualmente ou em grupo. Uma boa proposta é que eles avaliem se suas hipóteses estavam adequadas ou não. Essa é uma forma interessante de ensiná-los a controlar a avaliação de sua aprendizagem, a fazerem uma autoavaliação.

Leve-os a perceber que os modos e costumes de cada sujeito representam um papel de grande importância no cotidiano sociocultural de cada um, e que essa diferença deve ser respeitada dentro da realidade de cada indivíduo, independente de seus próprios modos, valores ou costumes.

Os conceitos de diversidade e multiculturalismo podem ser trabalhados com o objetivo de acabar com os preconceitos existentes, aprimorando com os alunos um olhar heterogêneo que acate e respeite as diferenças, afinal todas as pessoas são singulares e estão em permanente (re)construção de sua identidade a partir das relações que estabelece no mundo.

Trabalhe de modo a mostrar o indispensável conhecimento da diversidade e do enredamento dos problemas sociais, percebendo que sempre podemos trabalhar o que é diferente na igualdade, que refletir sobre a diversidade ultrapassa o reconhecimento do outro. Constitui especialmente, refletir sobre a relação entre o “eu” e o “outro”, sabendo que a diversidade, em todas as suas formas, é intrínseca à condição humana: somos sujeitos históricos, culturais e sociais e, por isso, diferentes. Isso não quer dizer que devemos recusar as semelhanças. Contudo, a existência de pontos comuns entre os diferentes grupos humanos não deve levar a uma interpretação da experiência humana como algo imutável.

O debate também é um bom momento para ir retomando o conteúdo que já foi trabalhado. A sistematização escrita pode ser muito útil.

Relacione também à discussão os aspectos externos do filme, destacando o ponto de vista do realizador, do filme como uma versão dos fatos, da empatia. Ou seja, enfoque o filme como um texto que pode ser lido e interpretado. Outro aspecto interessante que pode ser abordado é como determinados acontecimentos são enquadrados (de cima, de baixo, em close ou em plano aberto), como são filmados (muita ou pouca luz, muita ou pouca cor), a caracterização dos personagens (“bons”, “maus”, “feios”, “bonitos” etc.).

Faça o aluno entender o filme, faça-o ver e escrever sobre ele. Ele deve encarar o filme como encara um livro, articulando a leitura de um produto audiovisual com a produção textual.

3.2. Comparando, narrando e refletindo

Esta atividade busca estimular os alunos a refletir sobre como eles pensam as diferenças relacionadas a eles e ao mundo. O objetivo é fazê-los perceber como muitas vezes focamos nas diferenças e esquecemos o que temos em comum, e que é a partir delas que, frequentemente, nasce o preconceito que separa, isola, violenta e discrimina determinadas formas de nos configurarmos identitariamente, como por exemplo, no caso do cabelo “diferente” de Gisa.

Comece pedindo aos alunos para listarem duas características deles que eles acham iguais, e duas que acham diferentes de todo mundo. Peça que expliquem o porquê de pensarem assim sobre suas similaridades e diferenças. Pergunte como, e se, essas suas diferenças e igualdades afetam suas vidas. Isso pode ser feito de várias maneiras: exposição oral, desenhos, representação teatral, textos escritos etc. Fica a seu critério definir, de acordo com você e sua turma. Aproveite o gancho para destacar como os preconceitos usam critérios injustos e que, quando externados com palavras e atitudes negativas, ferem os direitos das pessoas.

Agora peça que pesquisem tipos diferentes de preconceitos, além do que o filme mostra: homofobia, intolerância religiosa, misoginia etc. Mais uma vez peça para encontrarem diferenças e similaridades entre os preconceitos, levando-os a perceber os problemas que estes acarretam a todos.

Chame novamente a atenção para o filme, mostre o conjunto de informações (verbais e imagéticas) que, entrelaçadas, perfazem o discurso sobre a beleza e influência da cultura Afro-Brasileira e o problema da discriminação racial.

Conclua comentando que muitas vezes nos encontramos em situações que estão fora de nosso controle. Faça-os pensar no processo, de como uma mera impressão ou falta de informação (ou seja, o preconceito) pode prejudicar uma ou mais pessoas, sempre lembrando, mesmo que sutilmente, que isso pode acontecer com qualquer um deles, independente-

mente da cor sua pele, tipo de cabelo, lugar onde mora, orientação sexual etc.

Finalizando a atividade, estimule-os também a assumirem o protagonismo de uma conversa com parentes e amigos. Mostre que os conhecimentos deles merecem ser compartilhados. Pergunte como foi a conversa, quem participou, como foi a recepção das suas ideias e a que conclusões chegaram.

3.3. Refletir, desenhar, propagar

São históricas as lutas pela ampliação da cidadania em nosso país. Além disso, reconhecemos as marcas da diversidade que enriquecem nossa cultura e nossa população. Entretanto, sabemos também que muitas pessoas ainda são alvo de preconceitos e violências em virtude de suas diferenças, ainda que essa seja uma prática considerada criminosa. Nesse sentido, é imprescindível, além de refletir, agir no combate ao preconceito e na valorização da diversidade, assumindo nosso papel nessa batalha pela liberdade, igualdade e fraternidade.

Com base nisso e nas discussões tidas em sala de aula após assistirem o filme, reúna-se com a turma e encaminhe uma conversa de forma a mostrar a importância de uma atuação social responsável, autônoma, solidária, com potencial de adaptação aos desafios que surgem e de prosseguir aprendendo ao longo da vida. O direcionamento da conversa deve levá-los a pensar a atuação do homem na sua relação consigo mesmo, e principalmente com o outro.

Após isso, peça que elaborem uma campanha de conscientização pelo respeito à diversidade na escola. Utilizando aquela pesquisa da atividade anterior e as ideias surgidas nos debates, peça que criem cartazes informativos sobre o tema, destacando aspectos da legislação e da história que sustentam a valorização da diversidade no Brasil. Busque refletir com eles que o resultado de tudo não depende só de nós, mas que mesmo assim, nossa participação é fundamental. Destaque que, apesar de não termos o controle total da situação, nosso comportamento pode aumentar as probabilidades de que uma consequência desejada aconteça.

Faça comentários sobre as imagens escolhidas, texto dos cartazes, chame a atenção para as diferenças e similaridades, estimule-os a comentar, contar suas experiências, e, principalmente, refletir sobre as questões levantadas por você e por eles. Nossa sugestão a você professora(or), é que instigue e levante questões sobre o problema do preconceito, do bullying, da discriminação, do racismo, da misoginia e demais preconceitos e violências simbólicas que ainda contaminam nossa sociedade.

No fim, seus cartazes podem ser fixados na sala ou em outros espaços da escola, para que essa discussão seja ampliada através de uma exposição e outros debates com mais turmas, professores e parentes.

O importante é que percebam o seu papel no processo, que tudo está conectado: o local com global, o pequeno gesto com a grande campanha, a forma como tratamos e a forma como gostamos de ser tratados, o que valorizamos e o que o outro valoriza e, principalmente, de como nos posicionamos na relação com o outro. Destaque que a empatia é uma competência capital para perceber as necessidades das pessoas e cultivar os relacionamentos, e que o respeito é um valor fundamental no convívio saudável com os outros.

Por fim, comente sobre os cartazes, sobre os debates e a exposição, fazendo-os perceber o caminho percorrido até aqui. Fundamentalmente, deixe o canal aberto, elogie, estimule, cobre, questione, reflita junto. Como dissemos no início, sua participação e comprometimento é fundamental para o sucesso do projeto.

Estas são apenas sugestões do uso de filmes em uma aula, que podem ter suas variantes, ser ampliadas e adaptadas à sua realidade.

Acreditamos que, desta maneira, a aprendizagem passa a ser mais significativa do que mecânica, numa expectativa em que o aluno se torne sujeito da aprendizagem e não meramente um receptáculo das informações que nós achamos que eles devem saber.

Para uma aula-filme de sucesso, que seja realmente útil na aprendizagem, é fundamental a intervenção do professor(a). Sem ela, a aula se transforma em apenas uma “sessão pipoca”, e deixa de ser aula. Nenhuma imagem fala por si só.

Obrigado!